

# UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DO SENSÍVEL NA TV<sup>1</sup>

Yvana Fechine<sup>2</sup>

**Resumo:** *A televisão apela, cada vez mais, a uma dimensão sensível do sentido – um sentido da ordem do contato, do afetivo, do sensorial. Esse sentido não depende mais de uma relação do espectador com o que vê na tela e, cognitivamente, apreende, mas, ao contrário, reside numa experiência individual do sujeito que se deixa captar, esteticamente, pelo fluxo televisual. Este artigo propõe-se a discutir a contribuição que a semiótica das experiências sensíveis, preconizada no Brasil pelos trabalhos de Eric Landowski, pode dar à análise dessa dimensão inerente à produção de sentido nas mídias, mas para a qual precisamos ainda desenvolver instrumentos conceituais no campo dos entrecruzamentos da comunicação com as ciências da linguagem.*

**Palavras-Chave:** *Televisão 1. Sensível 2. Semiótica 3.*

---

## I. Transformações do objeto, desdobramentos das teorias

As mídias transformaram-se, nas sociedades urbanas contemporâneas, em um *lugar* privilegiado de interação. Os meios eletrônicos, e a TV particularmente, oferecem agora novas formas de acesso às instituições, às informações, aos locais e às pessoas. Os diferentes tipos de contato estabelecidos pela mediação tecnológica configuram novos modos de presença e, a partir deles, a própria comunicação elegeu a intensificação de si mesma como fim<sup>3</sup>. Antes mesmo de qualquer conteúdo posto em circulação, o sentido de vários formatos que repercutem hoje na televisão está na modalidade de encontro que instauram. A TV articula o individual ao coletivo, sincronizando o meu cotidiano com o de grupos sociais mais amplos. Produz, com isso, um sentido de “estar com” que se manifesta pela co-presença que a similaridade da programação (todos vendo a mesma coisa) e a simultaneidade da transmissão (ao

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Produção de Sentido nas Mídias”, do XV Encontro da COMPÓS, na Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: yvanafechine@hotmail.com

<sup>3</sup> A hipótese foi levantada por Gianni Vattimo na conferência de abertura do XI Compós, na UFRJ, Rio de Janeiro, em junho de 2002, sendo depois retomada por Muniz Sodré ao abrir o encontro anual da entidade, na UMESP, São Bernardo do Campo (SP), em junho de 2004.

mesmo tempo) propiciam. Explorando o “ao vivo”, a própria televisão encarrega-se de construir, com freqüência cada vez maior, momentos nos quais aquele que acompanha a transmissão o faz menos pelo que deseja *saber*, e mais pelo que almeja *sentir*: sentir junto, sentir o sentir do outro e, principalmente, sentir-se junto ao outro no momento em que todos sentem o mesmo tão somente pela experiência comum de “ver TV”.

Hoje, há também um sentido primordial no próprio “viver com” as mídias, na presença por si só da TV no nosso cotidiano: um sentido que sobredetermina todos os outros produzidos por meio dos programas e da programação; um sentido que não depende mais de uma relação do espectador com o que vê na tela e, cognitivamente, apreende, mas que, ao contrário, reside numa experiência individual do sujeito que se deixa captar, esteticamente, pela tela. Não é por acaso que, tão freqüentemente, o ato de assistir à TV está muito mais associado a determinados momentos do seu dia (após o trabalho, depois do jantar, no domingo à tarde, no fim de noite, etc.) do que ao meu interesse por assistir a um programa específico. Admite-se agora que o mero fato de mantermos o televisor ligado pode produzir por si só um sentido que não depende mais da nossa predisposição para “assistir a algo” na televisão; depende apenas de nossa experiência de “ver TV” de modo, deliberadamente, disperso, apenas para “esvaziar a cabeça”, “não pensar em nada”, para “distrair-se” ou, tão somente, para ter companhia. O sentido aqui está associado, sobretudo, à maneira ritualizada de “passar o tempo” com a TV, assim como à sua fruição rítmica (o “consumo” simplesmente de um fluxo audiovisual). Trata-se, portanto, de um sentido que depende da compreensão da televisão como um dispositivo semiótico que apela a uma dimensão tanto – ou mais – sensível quanto inteligível do sentido.

Essas transformações nos modos pelos quais nos relacionamos com as mídias demandam também dos pesquisadores de comunicação uma preocupação maior, segundo Muniz Sodré, com o que “está aquém ou além do conceito”, e com tudo aquilo que é “moldado pela força primordial do emocional, do sentimental, do afetivo, do mítico”. Convidado, em junho de 2004, a realizar a conferência de abertura do encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação – COMPÓS, um dos importantes eventos da área, coube ao próprio Muniz Sodré apontar a “urgência de uma outra posição interpretativa para o campo da comunicação”; uma posição compatível

com “esse espírito do tempo marcado pela imagem e pelo sensível”<sup>4</sup>. Para Sodré, grande parte das pesquisas latino-americanas em comunica o, abrigadas no amplo guarda-chuva dos “estudos culturais”, prefere ainda se debruçar sobre o “conteúdo argumentativo e crítico legado pela velha tradi o idealista”. Preocupam-se assim e tão somente com uma “maior verdade” ou com “o bom uso” dos conteúdos (o “bom” nacional-popular, o “bom” discurso culturalista-educacional ou a “boa” memória coletiva, exemplifica Sodré). Esquecem, em contrapartida, a forma e o sensível.

Afirmando-se cada vez mais como uma epistemologia da comunica o, a semiótica francesa tem orientado seus desenvolvimentos teóricos mais recentes justamente em dire o ao quadro conceitual reivindicado por Sodré. A chamada *semiótica do sensível*, que tem como marco a publica o do *De l’Imperfection* (1987), último livro individual de Greimas, assumiu como projeto a descri o de um sentido cuja particularidade   justamente ser sentido, provado, vivido. A primeira conseq ncia metodológica de tal direcionamento   o desprendimento da semiótica de um *corpus* textual de referência (textos *stricto sensu*) e a sua conseqüente preocupa o em descrever agora um sentido que se d  *em ato*, seja nas experiências individuais, seja nas práticas sociais cotidianas, nas quais estão necessariamente envolvidos componentes afetivos e sensoriais.

A tentativa de compreender uma espécie de “sintaxe” das opera es sensíveis tem levado a semiótica a se preocupar, por exemplo, com a descri o de um regime de sentido da ordem do contato, que se d  tão somente na co-presença dos actantes sujeito e objeto, numa intera o significativa em si mesma. O que se busca, em outras palavras,   descrever o modo como a presença mesma das coisas *faz sentido* – um sentido que se d  a partir da apreensão sensível de um objeto, ou, se preferirmos, como o “vivido” que emerge da convoca o sensória provocada pela presença pregnante desse outro-objeto. Não se trata mais, portanto, de um *sentido realizado* e, como tal, manifesto como um discurso enunciado, mas sim de um *sentido em ato*, que se constrói *na e em* situa o.

No Brasil, o desenvolvimento de uma semiótica do sensível, capaz de fornecer novos instrumentos conceituais t mbero para o estudo das mídias, vêm sendo balizados

---

<sup>4</sup> O texto integral da conferência foi publicado depois com o título “*Logos e pathos, a razão e a paixão no espaço conceitual da comunica o e das novas tecnologias*” em CAPARELLI, SODRÉ e SQUIRRA, 2005, pp.15-25.

pelos trabalhos de Eric Landowski<sup>5</sup>, colaborador próximo de Greimas. Com uma inspiração claramente fenomenológica, o desafio mais geral assumido por Landowski é a descrição de regimes de interação que, em função desse seu caráter “vivo” e em movimento, só existem na forma de um *se fazendo*, dependem de um contato *em ato*; contato no qual a co-presença dos actantes sujeito e objeto se impõe e faz sentido por si só. Rompe-se aqui com a forma dicotômica com que costumamos nos relacionar com o mundo – “uma por meio dos sentidos, mas sem sentido, e a outra *com* sentido, mas além dos sentidos” – assume-se o projeto de desenvolvimento de uma semiótica das nossas próprias experiências sensíveis. Para entender como a preocupação com essa dimensão sensível do sentido insere-se hoje no campo de estudos da semiótica geral é preciso reconhecer, com Landowski (cf. 2001a), que a disciplina, em seu pouco mais de meio século de existência, definiu sucessivamente, e sem que o surgimento de uma representasse o desaparecimento de outro, pelo menos três tipos de abordagem.

De uma *semiótica dos discursos enunciados*, que corresponde ao desenvolvimento da “arquitetura conceitual” da disciplina, a partir do estudo das produções verbais no decorrer dos anos 60/70, passa-se a uma *semiótica das situações* que, operando agora com um conceito mais ampliado de texto ao qual se incorpora o próprio *fazer* dos sujeitos, abre caminho, já anos 80, para o que se tenta consolidar, desde meados dos anos 90 até hoje, como uma *semiótica das experiências sensíveis*, preocupada com o sentido que emerge dos vínculos diretos que cada um tece com o mundo que o rodeia. Assumindo a lingüística como sua principal referência, os semioticistas preocuparam-se, nesse primeiro momento da disciplina, sobretudo com o desvelamento do “conteúdo ideológico” dos textos propriamente ditos. Desenvolveu-se, nessa etapa, toda a “arquitetura conceitual” da disciplina que, orientada por uma apreensão inteligível do sentido, descreve a produção da significação como um percurso no qual se vai do mais abstrato ao mais concreto em três níveis próprios de análise – o profundo (valores fundamentais), o narrativo e o discursivo. O percurso gerativo de sentido é, no entanto, “um simulacro metodológico” que descreve apenas a produção e a interpretação do *significado*, do *conteúdo*, ainda que, para isso, considere também sua expressão (FIORIN, 1984, p.31). A descrição desse percurso culmina com o desenvolvimento do que hoje conhecemos como “gramática narrativa”, um modelo que

---

<sup>5</sup> Cf. LANDOWSKI, 2004, 2002, 2001, 1998, 1996.

pretende dar conta justamente das relações entre sujeito e objeto, a partir de esquemas invariantes, observados na totalidade dos discursos enunciados.

Toda gramática narrativa é presidida, segundo Landowski, pelo *regime da junção*. O modelo propõe a existência de actantes que entram em relação uns com os outros por meio de um objeto de valor. Todas as ações do sujeito são pautadas, então, por um percurso de aquisição, que envolve conquistas, perdas e reconquistas de um objeto de valor em circulação. O que se tem, então, é uma alternância de estados de um sujeito – eufórico ou disfórico – em função de sua conjunção ou disjunção com tal objeto de valor. Toda a descrição se resume aqui, em outros termos, aos próprios percursos desenvolvidos pelos actantes de um estado a outro (programas narrativos), a partir de estratégias de persuasão e de um *fazer fazer* entre eles. Trata-se, porém, como observa Landowski, da descrição de uma relação mediada porque a interação dos actantes se dá justamente por intermédio daquilo que circula entre eles. Para Landowski, nem mesmo a semiótica das paixões<sup>6</sup>, que se apresentou inicialmente como um projeto de articulação do sensível ao inteligível, escapou a esse modelo juntivo, só que, agora, o percurso de aquisição envolve os sentimento do outro e, em última instância, a própria possessão do outro. Há, também nessa abordagem, o que Landowski considera como a condição intrínseca à lógica da junção: uma interação actancial mediada.

Ora, se o regime da junção pressupõe necessariamente uma (inter)mediação, como descrever, então, relações que, por sua natureza somática e sensorial, envolvem uma interação actancial não-mediada, “direta”, da ordem do “puro contato”? Landowski se propõe a descrever essas relações não-mediadas, a partir do que ele denomina, por oposição à junção, de *regime da união*. Nesse tipo de regime, o sentido já não depende mais da circulação entre os actantes de qualquer valor proposto por um enunciado preexistente e *a priori*. Depende, ao contrário, da simples co-presença de um ao outro: um tipo de “manifestação direta” de um sujeito ao outro ou do sujeito ao objeto (objeto que se faz sujeito numa intercambialidade de papéis própria às convocações somático-sensoriais). A semiótica passa a se ocupar agora de um sentido anterior a uma elaboração conceitual, um sentido pré-cognitivo, que se dá sem a mediação de qualquer linguagem socialmente instituída. Desloca suas preocupações com os discursos enunciados para as próprias instâncias enunciativas, buscando descrever tanto as

---

<sup>6</sup> Para recuperar o projeto da semiótica das paixões, veja GREIMAS e FONTANILLE, 1993.

experiências entre os sujeitos humanos, entre o sujeito e “as coisas mesmas”, ou ainda entre o sujeito e o objeto, alçado agora a posição de um parceiro, e não mais de um meio. O valor semiótico está, segundo Landowski, na relação mesma entre os actantes e nas transformações que neles se operam tão somente por sua co-presença sensível, por uma espécie de “corpo-a corpo estésico” (2001, p.333).

Sem invalidar o modelo juntivo, que alicerça a gramática narrativa, a disciplina abre-se agora para a descrição de tudo aquilo “que passa diretamente ao outro”: um sentido que se dá, nos termos de Landowski, por *contágio*. Sob essa designação, ele descreve relações de reciprocidade entre os corpos enquanto *soma* (“carne”) e *physis* (matéria), o que envolve regimes de interação direta entre os sujeitos humanos, mas também entre um actante sujeito e as propriedades “vivas” da matéria. Pressupõe, assim, um sentido que emerge de uma espécie de “diálogo entre presenças”, de “sensibilidades em contato”, uma agindo sobre a outra *enquanto* corpo e *como* corpo. Ou seja, como um todo que sente a mesma coisa ao mesmo tempo sem que se saiba (nem haja necessidade de se saber) precisamente o quê, o como, o porquê ou o para quê. Nesse caso, a interação “contagiosa” que se opera entre os actantes já não é mais o resultado de um intercâmbio de valores que os leva a agir de tal ou qual modo, com este ou aquele propósito, orientados, enfim, por um *ter* e por um *fazer*. A reciprocidade que se observa agora entre os actantes depende de um *sentir* e de *ser* juntos, que produz um tipo de experiência “provada”, “vívida” esteticamente, e não mais descrita em termos puramente modais. Como isso se dá? Segundo Landowski, por “um processo de ajustamento recíproco entre formas co-presentes”, cuja descrição se confunde com a própria descrição de uma “gramática do sensível”, à qual voltaremos mais adiante.

Antes de seguirmos com a discussão do que seria exatamente essa “gramática do sensível”, nos termos propostos por Landowski, é preciso ainda recuperar a última das três abordagens que ele próprio reconhece no desenvolvimento da disciplina. Trata-se da semiótica das situações, uma abordagem que poderíamos localizar numa posição intermediária entre o que descrevemos, anteriormente, como uma semiótica dos discursos enunciados e uma semiótica das experiências sensíveis. Se Landowski propõe que a primeira é presidida pela lógica da junção e esta última pela lógica da união, a qual regime, então, obedeceria a semiótica das situações? Para enfrentar a questão, é preciso, porém, entender melhor o que o autor coloca sob tal designação. Landowski

denomina de semiótica das situações um segundo momento no desenvolvimento da disciplina em que ela não se ocupa mais apenas dos textos propriamente ditos, mas passa a se preocupar também com as práticas sociais. O sentido não está mais apenas num discurso enunciado (o que pode ser considerado ainda como um “produto”), mas se instaura também, e necessariamente, na própria situação de enunciação (que pode configurar um tipo de prática).

Nesse momento, a distinção entre texto e contexto, que tanto preocupou os semioticistas nas primeiras análises dos “conteúdos ideológicos” dos textos verbais, deixa de ter importância porque o primeiro se constitui também a partir de elementos do segundo. Ou seja, os enunciados passam a incorporar seu próprio ato de enunciação como parte constitutiva daquilo que os define como tal. A semiótica começa, nesse momento, a se ocupar da descrição de um sentido que depende de um encontro, *aqui e agora*, entre instâncias enunciativas; um sentido que se configura a partir da própria efemeridade e irrepitibilidade desse momento; um sentido, enfim, que se dá *em ato*. Parece possível descrever, ao menos, duas configurações possíveis do *em ato*, alinhando, agora, cada uma delas a um dos regimes de sentido propostos por Landowski, o da junção e o da união, respectivamente: 1) enunciados que se organizam *em ato*, como uma construção efetuada por sujeitos “em situação” (discursos em situação); 2) enunciados que podem ser considerados *como sendo* o próprio *ato*; objetos semióticos que se manifestam, antes, como uma experiência de contato direto, sensorial e somático entre os actantes (experiências sensíveis)<sup>7</sup>.

Na primeira configuração, o que se tem é um enunciado cuja constituição depende de um tipo de co-presença entre os actantes, mas o contato que se estabelece entre eles envolve ainda uma mediação qualquer (um intercâmbio ou uma interface). Nesse caso, a co-presença dos actantes sujeito e objeto é uma condição necessária, mas não suficiente para a emergência do sentido, pois há ainda aqui, de qualquer forma, um enunciado manifesto (uma mensagem, um “produto”, uma prática social), que tanto conforma quanto é conformado por esse momento único e efêmero no qual se dá sua interação. O sentido surge assim do *se fazendo* do enunciado e da enunciação na situação em ato que dá lugar a ambos. Trata-se, em outras palavras, de uma configuração na qual o sentido *em ato* depende de uma enunciação que carrega, em si

---

<sup>7</sup> Há uma primeira descrição dessas configurações do *em ato* nas mídias em FECHINE, 2001.

mesma, um valor de enunciado. Pode-se apontar como exemplo desse tipo de configuração todo um conjunto de manifestações artísticas contemporâneas que dependem de dispositivos de operação em tempo real e que incorporam a própria participação do destinatário como parte do que lhe é proposto. É justamente pela existência ainda da intermediação de um discurso-objeto, em torno do qual se dá a interação, que este tipo de configuração *em ato* pode ser descrita ainda por um modelo *juntivo*.

Na segunda configuração, o que se tem é, ao contrário, uma relação de “pura presença”, ou presença intersomática, entre os actantes. Trata-se, nesse caso, daquelas relações sem mediação, descritas metaforicamente por Landowski, nos moldes do *contágio*: experiências nas quais se passa uma certa intelecção, um certa emoção, uma certa sensação diretamente de um ao outro, num “contato” direto e imediato, num corpo-a-corpo entre sujeitos ou entre sujeito e objeto, como vimos. Se ainda for possível pensar nessa ordem de fenômenos em termos enunciativos, pode-se considerar que, nesse caso, o próprio ato possui valor de enunciado, pois o sentido surge aqui justamente de um tipo de interação actancial que não tem a pretensão de enviar a nenhuma outra dimensão que não seja a si mesma. Se não há mais, aqui, valores em circulação, nem intermediação, o sentido que emerge é presidido, então, pela lógica da união e é a partir desse regime que precisamos não apenas descrevê-lo, mas propor desdobramentos teóricos.

Se esse sentido que se dá na forma de um *contágio* pressupõe, no entanto, um “acesso direto”, um corpo a corpo, estésico entre os actantes, não seria paradoxal tentar descrevê-lo justamente num *medium*? A operatividade dessa abordagem nas pesquisas sobre a televisão revelar-se-á justamente pela descrição, a partir dos seus recursos técnico-expressivos (sua “materialidade”), um sentido de contato e presença ancorado menos naquilo que vemos na TV (a significação dos programas) e mais no modo como nos relacionados *com e pela* TV (a sobre-determinação da programação, do fluxo televisual). Para propor tais desdobramentos, porém, é necessário compreender as noções-chave do que Landowski denomina de “gramática do sensível”.

## II. Uma “gramática” expandida do sensível

Todo o projeto de desenvolvimento de uma semiótica das experiências sensíveis, assumido por Eric Landowski, está pautado, como vimos, pela descrição de uma “gramática” das relações dos corpos em geral. Por isso mesmo, a importância da noção de *contágio* nessa descrição. Tal como descrito por Landowski, o contágio pode ser considerado o procedimento básico pelo qual esses corpos, humanos ou não, interagem e atuam uns sobre os outros por meio de suas propriedades ou qualidades sensíveis (qualidades “materiais”, seja como *soma* ou como *physis*; propriedades “vivas”, enfim). É por meio desse contágio diretamente de um ao outro que se dá também a sua mútua transformação de estado: uma transformação, porém, que não requer qualquer ação (um agir); uma transformação que se dá a partir do ajustamento mesmo de um ao outro; uma transformação que se identifica com a própria reciprocidade que se instaura nesse contato.

Contato, reciprocidade, ajustamento. Essas são, portanto, as noções-chave na configuração desse *contágio*, cuja descrição está na base dessa pressuposta “gramática” do sensível. Se o contato é a pré-condição, o ajustamento define a natureza mesma dessa relação “contagiosa”. A reciprocidade se impõe, então, como a própria condição de *sentir e ser juntos como corpo e pelo corpo*. Para demonstrar coerência e rigor em relação às proposições do autor, qualquer expansão dessa proposta teórica para compreensão das mídias deve partir das mesmas noções-chave. O primeiro desafio do analista que assuma um projeto como esse é, então, identificar e descrever como se dá, no objeto semiótico analisado, um tipo de contato *em ato* que, através de um processo de ajustamento entre instâncias enunciativas co-presentes, instaure uma relação de reciprocidade.

Diante do meu objeto de análise (seja o rádio, a Internet ou a TV, meio que nos interessa aqui), há uma primeira pergunta que precisamos enfrentar: é possível identificar nele uma configuração *em ato*? Ou, em outros termos, o sentido depende do momento mesmo em que sujeito e objeto interagem? Enfim, o sentido se dá tão somente *em situação e em ato*? Se postulo que sim, *como*, então, se configura, no objeto analisado, o *em ato*? Esta é uma etapa fundamental da descrição. Como toda configuração do *em ato* depende da instauração de encontro *aqui e agora* entre as instâncias actanciais, o próximo passo passa a ser a descrição da modalidade de

encontro que se estabelece entre eles. Como se configura, na prática ou experiência analisada, um tipo de contato já dotado de sentido em si mesmo? Ora, a descrição da natureza, a situação, das condições nas quais se dá esse contato, e sua implicação na produção de sentido, já correspondem, nesse tipo de análise, à própria discussão das formas de ajustamento e, conseqüentemente, de reciprocidade entre os sujeitos ou entre sujeito e objeto.

Os modos pelos quais se identifica e descreve o contato no qual se produz o sentido da experiência “vivida” por um casal que dança, por exemplo, depende de uma relação corpórea, de uma co-presença física, “encarnada”. O ajustamento, que se produz no ato mesmo em que se encontram e dançam, é da ordem do sensorial, do sinestésico, do sensual. O sentido “vivido” que se dá neste tipo de contato já não se explica, certamente, pelo respeito às regras, pela mecânica dos movimentos ou pela própria ritualização da dança. Em outras práticas sociais ou experiências, esse ajustamento actancial pode, no entanto, ser de outra ordem e se dar, por exemplo, como um tipo de “aprendizado” de um a respeito do outro; pode mesmo se manifestar como uma relação de familiaridade desenvolvida num contato contínuo de um com o outro, ou pode ainda assumir a forma de um hábito (repetição ressematizadora das práticas cotidianas). O mesmo se pode dizer desse contato actancial que, nas práticas ou experiências com as mídias, por exemplo, dificilmente pode ser descrito como uma relação intersomática. Depende, pelo menos nas mídias que operam em tempo real (rádio, TV, internet), da instauração de uma dimensão espaço-temporal comum às instâncias enunciativas por meio da qual se estabelece um tipo de contato entre os sujeitos.

Não há, no entanto, com a indicação dessas etapas necessárias à construção do próprio objeto semiótico e da pertinência desse tipo de abordagem, nenhuma intenção de articular as postulações de Landowski num pretense “modelo de previsibilidade” para análise das nossas experiências sensíveis. Mesmo porque, nesse modelo teórico, a própria construção do objeto de análise já é parte do que há para ser analisado. Sendo assim, cada novo objeto de análise pode ensejar novas formas de configuração do contato, do ajustamento e da reciprocidade que caracterizam, genericamente, o procedimento do contágio e um sentido de presença. Se, de acordo com Landowski, o *contágio* depende das “qualidades sensíveis” dos actantes ou dos corpos co-presentes, é preciso, então, a cada análise descrevermos quais as propriedades daquilo que, por meio

delas mesmas, entra em contato e, ao fazê-lo, produz sentido. Quais são as qualidades sensíveis desses corpos que dançam e, *na e pela* dança, transformam-se mutuamente por um tipo de contágio? Quais são as propriedades plásticas de uma pintura que me “tocam” por várias ordens sensoriais me permitem, sobretudo, senti-la? Quais são as propriedades daquela bebida ou daquele prato que, ao convocarem esteticamente, atribuem sentido, sob a forma de um gosto, à sua própria fruição? Estes são apenas alguns exemplos que demonstram como, a partir de preocupações e objetivos comuns, que orientam o conjunto das análises, a descrição do sentido próprio a cada experiência produz suas modalidades de encontro, indagações e percursos e específicos.

Se levarmos essas mesmas questões para a análise das mídias – uma área na qual a pertinência dessa abordagem não parece assim tão evidente –, constataremos mais ainda sua atualidade. A discussão sobre as “qualidades” ou propriedades intrínsecas aos meios nos levaria necessariamente à sua tecnologia. Ora, é justamente uma maior exploração dos recursos técnico-expressivos próprios a cada meio o que tem determinado, cada vez mais, seus modos de discursivização. Determinam também, conseqüentemente, suas estratégias de produção de sentido, quer este se dê no nível mesmo dos produtos (os programas de rádio, de TV, etc.) ou, o que nos interessa mais aqui, das práticas midiáticas (experiências de fruição, novas formas de sociabilidade, etc.). Se o que nos interessa observar, na análise, é, antes de mais nada, um sentido que emerge da nosso próprio relacionamento com as mídias, é preciso agora atentar para os seus regimes de fruição: como assistimos à TV, como ouvimos rádio, como lemos o jornal, como usamos a internet, por exemplo. É preciso também interrogar suas formas expressivas, observando como cada meio nos “convoca” esteticamente, por exemplo, pelo reconhecimento de uma identidade gráfico-visual, pela possibilidade de um *feedback* na comunicação, pelo estabelecimento de uma duração compartilhada; por tudo aquilo, enfim, que poderia ser considerado como suas propriedades ou “qualidades” específicas (tecnológicas, no caso da TV).

Os diversos meios e modos de operação em tempo real (transmissão “ao vivo”, comunicação *on line*) surgem assim como um dos caminhos possíveis para pensarmos, no âmbito da mídias, a configuração de um sentido que tem no “contato” uma de suas precondições. No caso particular da TV, pode-se assumir como hipótese que a *duração* da transmissão direta, por permitir a destinadores e destinatários compartilharem de uma

mesma temporalidade, é capaz de colocá-los em um mesmo *lugar*. É justamente essa configuração de uma dimensão espaço-temporal comum o que está na base da produção de um efeito de contato mesmo quando não há a possibilidade de uma participação direta do espectador na transmissão (por telefone, por e-mail). Este efeito de contato depende da neutralização, em maior ou menor intensidade, da distância que o aparato de mediação impõe entre a TV e o “mundo”, entre o sujeito e o “mundo” e, em última instância, entre o sujeito e a própria TV (ou ao modo como se relaciona com a TV). No limite, essas estratégias de neutralização da oposição entre a TV e o “mundo” tentam construir a temporalidade discursiva como uma temporalidade “recortada” diretamente do mundo natural e é nessa sobreposição que o sujeito acaba por conferir ao que vê o mesmo estatuto do que vive. Essa indistinção de instâncias é responsável pela produção de um sentido de presença, de “acesso direto”, que desloca os sujeitos de suas situações físicas e produz um *lugar* intersubjetivo de encontro.

Não seria este, portanto um meio possível de reunir, a partir da constituição dos parceiros nessa duração compartilhada, o que, a rigor, estaria separado? Eis aí, certamente, um ponto de partida promissor. Não é por acaso que quanto maior o desenvolvimento e a facilidade de acesso às tecnologias de comunicação bidirecional, mais as mídias, especialmente a TV, investem nos chamados programas interativos. Cada vez ganham espaço os formatos que, muito mais do que veicularem conteúdos, oferecem a possibilidade mesma de comunicação como fim: experiências de comunicação engendradas por um tipo de contato proporcionado, por exemplo, por *chats* na internet ou de programas de TV que basicamente apresentam as pessoas umas às outras<sup>8</sup>. Se, como já preconizava McLuhan (1971), o meio é (tornou-se) a mensagem, não podemos evidentemente pensar as mídias apenas como um veículo de um conteúdo externo a elas, do qual surgiria o sentido. Foi preciso, no entanto, que as próprias mídias evidenciassem sua capacidade de fazer do próprio ato de comunicação o que há, em

---

<sup>8</sup>Um bom exemplo disso foi o programa “Swing com Syang”, levado ao ar em 2004 pela TV Gazeta de São Paulo, cuja repercussão pode ser atribuída à exploração de um *chat* telefônico. Quando ligava (e pagava) para um telefone celular exibido na tela, o espectador podia gravar recado para a apresentadora (a cantora Syang) e ser escolhido para conversar ao “vivo” com ela, assim como também podia entrar em salas de bate-papo onde conheceria e conversaria com outras pessoas. (Cf. Folha de São Paulo, Ilustrada, 04.07.2004). Também merece menção o programa “Ponto Pê”, ainda exibido pela MTV Brasil, cujo formato consiste numa conversa telefônica “ao vivo”, de caráter extremamente informal, sobre relacionamentos e relações sexuais, entre a VJ Penélope Nova e os telespectadores. Tudo é construído de tal modo que a TV funcione como um *lugar* de intimidade no qual os jovens telespectadores, para os

última instância, a ser comunicado para que atentássemos para sua ‘forma’ (modo de comunicar) e para uma dimensão do sentido que não apela mais apenas à cognição. Pelo contrário, oblitera, hoje, a própria circulação de conteúdos da ordem do inteligível pelos meios.

Se antes essa dimensão afetiva, sensorial, sensível, enfim, escapava aos instrumentos conceituais que, na semiótica, nos municavam para a análise dos valores e significações racionais construídos “dentro” dos discursos enunciados, podemos agora, a partir dos pressupostos dessa “gramática do sensível”, incorporar a análise das situações e práticas comunicativas ao quadro teórico das ciências da linguagem. Nessa perspectiva, a semiótica não se apresenta mais como um aparato teórico metodológico restritivo – como apontam os que desconhecem os próprios rumos que disciplina tomou – mas como uma abordagem capaz de contribuir para descrição do *como* a TV conforma sensibilidades apontadas também por outras disciplinas. A impossibilidade de exemplificar, nos limites desse trabalho, algumas das modalidades de encontro (contato) forjadas pelos distintos modos de discursivização da TV, e, sobretudo, pela sua própria presença no nosso cotidiano<sup>9</sup>, não nos impede, porém, de indicar o quanto noções como *contágio*, ajustamento, reciprocidade são operativas na descrição de novos regimes de interação moldados pelo sensível e pelo afetivo; por tudo que é, enfim, sentido e “vivido” ainda que via satélite.

---

quais o programa é dirigido, converseem, como se estivessem na sala de suas casas, com uma amiga bem próxima e “mais vivida”.

<sup>9</sup> Há análises da televisão, realizadas dentro desse quadro teórico, em FECHINE, 2002 e 2003.

## Referências

- FONTANILLE, Jacques e GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica das Paixões**. São Paulo: Ática, 1993.
- FECHINE, Yvana. **Televisão e presença. Uma abordagem semiótica dos gêneros informativos**, Tese de doutorado, PUCSP: COS, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Produção de sentido nos acontecimentos midiáticos”, **Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas**, Nº8. São Paulo: Edições do CPS, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Televisão, hábito e estesia”, **Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas**, Nº9. São Paulo: Edições do CPS, 2003.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1984.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **De l'imperfection**. Périgueux: Pierre Fanlac Éditeur, 1987.
- LANDOWSKI, Eric. **Passions sans nom**. Paris: PUF, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- \_\_\_\_\_. “En deçà ou au-delà des stratégies: la présence contagieuse”, **Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas**, Nº7. São Paulo: Edições do CPS, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Modes de présence de l'image”, **Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas, Nº5, São Paulo**, Nº5. São Paulo: Edições do CPS, 1999.
- \_\_\_\_\_. “De *l'imperfection*, el libro del que se habla”; “Sobre el contagio”, em DORRA, Raul, LANDOWSKI, Eric e OLIVEIRA, Ana Claudia de. (eds.). **Semiótica, estesis, estética**. São Paulo/Puebla: EDUC/UAP, 1998.
- \_\_\_\_\_. “Viagem às nascentes do sentido”, in SILVA, Ignacio A. (org.), **Corpo e sentido**. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.
- McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- SODRÉ, Muniz. “*Logos e pathos*, a razão e a paixão no espaço conceitual da comunicação e das novas tecnologias”, em CAPARELLI, Sérgio, SODRÉ, Muniz e SQUIRRA, Sebastião (orgs.). **Livro da XIII Compós: A Comunicação Revisitada**. Porto Alegre: Sulina, 2005.